A LUTA

A liberdade perenne é uma conquista permanente.
Guerra Junqueiro.

ANNO I | Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 13 de Setembro de 1906 | NUM. 1

Este periodico manter-se-á com a contribuição voluntaria dos trabalhadores, e a sua publicação será, provisoriamente, quinzenal.

A correspondencia deve ser dirigida a Sfefan Michaleki, rua dos Andradas 64, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

A LUTA

Surgimos no momento em que os trabalhadores desta capital começam a sentir o mau estar da sua posição de desfructados e, num movimento resoluto, em que se nóta energia, é certo, mas infelizmente tambem muita inexperiencia, demonstram ter percebido que ha necessidade de lutar para se não morrer asfixiado numa sociedade que é terrivelmente cruel para aquelles que não possuem para o trabalho, mais que os proprios braços.

Pretendemos trazer para estas columnas toda a esperiencia e toda a observação que colhermos das lutas que se vão empenhando entre trabalhadores e capitalistas de toda a parte do mundo, luta que vae marcando os passos da especie humana em marcha para o ideal duma sociedade onde o baixo egoismo especulativo não terá guarida e onde, unidos todos os individuos pela solidariedade, gozarão da liberdade integral a que fizeram jús.

Procuraremos demonstrar a justeza das idéas que nos convenceram que, como baze duma sociedade livre, é necessaria a transformação da propriedade particular em propriedade social, a solidariedade humana na luta contra a natureza e a cooperação dos esforços para se obter a maior somma possivel de bem-estar; sob o ponto de vista da organização queremos a vida social assente sobre a iniciativa individual e o livre acôrdo sem delegação de especie alguma de poder.

Como metodo de luta no presente adoptamos a acção direta dos individuos conscientes e solidarios contra o patronato e as instituições que o conservam e apoiam.

Conhecemos bem o caminho que vamos trilhar; e sabemos ter de lutar num meio, onde qualquer aspiração emancipadora não encontra, écho, ás mais das vezes, na condensação duma atmosphera que tem o pezo de seculos e seculos de preconceitos e rotina.

Entramos na luta confiando na solidariedade de todos aquelles que, como nós, julgarem uteis os nossos esforços.

O mais importante privilegio é aquelle pelo qual o homem é livre para enriquecer a intelligencia de conhecimentos, sem os quaes a nenhum é permitido prosperar, civilizar-se, tornar-se verdadeiramente livre. — *Smiles.*

O nosso quinhão

Duas são as aspirações da Humanidade, irmanadas no trabalho secular de descobertas cientificas, de sacrificios individuais, de pequenos aperfeiçoamentos mecanicos e manufactureiros, na sequencia de inventos minimos para grandiosas descobertas, na conquista do bem, no alivio, pela aplicação da maquina aos trabalhos forçados da oficina e dos campos fecundados pelo suor — a perfectibilidade e a felicidade.

Dessa tencencia constante e justa, dessa aspiração grandiloqua, dessa sêde de justiça, desse sonho de paz e amor, de solidariedade e de bem-estar, as lutas constantes dos oprimidos contra os opressores, dos explorados contra os exploradores, do proletario contra o capital.

A força dominou a principio, e no principio desta civilização ocidental em decadencia, o saber era cabedal exclusivo da astucia monastica, bem como o dominio senhorial e o poder temporal, accessorados pelos monges, eram o privilégio da força bruta do feudalismo.

A aristocracia ignara e analfabeta foi aos poucos desmontada pela burguesia manhosa e velhaca que em 89 fingiu ligar-se ao quarto estado, e conseguiu ficar com a tutela dos *direitos do homem*.

O povo permaneceu, mudado o senhor. sob o dominio de uma outra classe mais tiranica, se é possivel, do que a outra, mais torpe e mais viciada do que a predecessora no senhorio omnipotente da humanidade, covarde e hipocrita, ligada e dominada pela igreja.

Uma batia-se de viseira erguida, pelo que julgava o seu direito divino de sangue, e de conquista; a outra impera pela corrupção, pela mentira e pela sordida especulação.

Burlados os ideais de igualdade e fraternidade, belos e retumbantes temas para a retorica enfática dos parlamentos e para o engodo dos imbecis, o proletario faminto e nú sentiu-se mais explorado do que nunca e comprehendeu que apenas mudára de senhor, de servo da gleba passando a operario, de fantasino, pagem e archeiro a alvo de armamentos aperfeiçoados, rebaixado e aviltado pela disciplina militar e pela caserna, defensor do conforto do capitalista, degrau para os altos postos.

Viu na ostentação da caridade cristã, nos rasgos de filantropia burguesa meios de contel-o na obediencia servil, afastado pela gratidão das revoltas enobrecedoras e das reivindicações — aconselhadas pelo estomago vazio e pelas lagrimas das esposas e da prole, tiritando de frio, atrepsica, com estigmas fatais e indeleveis de molestias incuraveis, adquiridos nos recintos sem ar e sem luz, em atmosferas viciadas e saturadas de impurezas das oficinas e dos casebres.

Comparou o luxo nababesco do patrão, que não póde suportar a canicula e se vai para as belas vivendas suspensas nas encostas verdes das montanhas, para as estações balneares nas brancas costas do Oceano, onde o ar é vivificante e tonico com a pocilga infecta onde a flor da juventude das pobres filhas se estiola e fana no paúl do vicio, nas trévas da ignorancia, na sordida convivencia dos ebrios e dos condenados á galé da miseria pela crueldade da organização social actual, injusta e burguesa, se a concupicencia do filho do patrão não as arrebata para prostituição e para a miseria do prostibulo. A revolta se faz nos espiritos e se acentuaram as tendencias de reivindicação. Todos os espiritos cultos começaram a meditar no problema social, moral e économico; o proprio burguez gozador e egoista sentiu-se na obrigação por instinto de conservação, de ceder um pouco e dos lucros exorbitantes dar umas migalhas ao principal produtor, ao fator principal do seu conforto — ao trabalho.

Não ha concessões possiveis. Ou tudo ou a luta tremenda em que o capital será socializado em proveito das classes produtoras. São incompativeis o egoismo máu e o conservantismo das classes dirigentes e as novas aspirações para a perfectibilidade pelo amor, pela solidariedade e pela justiça.

A liberdade sem peias, a solidariedade humana exercendo-se espontaneamente, a paz universal, a fraternidade sem fronteiras nacionais não são realizaveis com os elementos da organização social de hoje; dela nada deve ser aproveitado.

Desta sociedade de corrupção, desta sociedade de exploradores nada se pode esperar de grande, de alevantado, de humano. Um pequeno fragmento que fique pode envenenar a sociedade futura.

A regeneração da sociedade futura deve ser preparada desde já moralmente. O problema a resolver tem duplo aspecto, moral e económico. A nós a resolução do problema moral, pela propaganda, pelo ensino, pelo livro, pelo exemplo. A questão económica resolverá por si o proprio proletario, quando conhecer bem o seu valor, e quando a compressão for demasiada e provoque a explosão.

Fabio Luz.

Este joven escritor brasileiro é o autor dos dois excelentes livros *Ideologo* e *Os emancipados*, que podem ser adquiridos na Livraria Universal. N. da R.

E' nas cabeças e nos corações que as transformações têm que fazer-se antes de tenderem os musculos e de se mudarem em fenomenos historicos. — *Elisée Reclus.*

ESCOLA ELISEU RECLUS

Por iniciativa de moços estudiosos foi, com esta denominação, fundado um grupo de estudos livres baseado nos mesmos principios das modernas universidades populares, onde podem os trabalhadores encontrar facil meio de adquirir conhecimentos, que lhe são vedados em vista das condições economicas em que a maioria se encontra.

Este grupo que não obedece a regulamentos nem a presidentes ou auctoritarias directaris, vae se mantendo na melhor harmonia possivel — o que aliás vem demonstrar mais uma vez que não é com o excesso de auctoridade que se mantem a ordem entre os individuos, quando estes se associam com intereses reciprocos, sem o intuito de sacrificar outrem, mas sim com a supressão dessa mesma auctoridade.

Cada um ensinando o que sabe e procurando cada qual aprender o que ignora, á noite reunem-se alli em convivencia sã aquelles moços mantendo palestras interessantes das quaes sempre se sae aprendendo alguma coisa de novo.

Os que ahi licionam prestam-se gratuitamente visto que não tem outro fim sinão o de se tornassem uteis aos que necessitam e nutrem o desejo de se instruir.

Actualmente liciona-se no grupo esperanto, francez, portuguez, arithmetica, mathematica, historia univesal, desenho, gymnastica suéca, etc. Havendo tambem palestra sobre anatomia descriptiva, mecanica, physica, chimica, etc.

O grupo tem uma frequencia actual de cerca de quarenta socios.

As contribuições são voluntarios.

PELAS CLASSES

Nesta secção publicaremos noticias, reclamações e idéas que os operarios dos diversos officios e os trabalhadores em geral, nos quizerem fornecer referentes ás respectivas classes. Pedimos o maior escrupulo nas informações.

Conductores de bonds

A nossa classe é uma das que menos ganha, mais trabalha e mais vexames e humilhações soffre

Trabalhamos dezoito horas por dia percebendo um mesquinho ordenado que mal chega para suprir as mais rudimentares necessidades, e, por mais honestos que sejamos, temos sempre a fama de ladrões, e como táes somos tratados pelos chefões.

Uma queixa da menor importancia, desde que seja apresentada por figurão qualquer, é quanto basta para sermos chamados a ordem, levarmos *carões*, sermos postos no *gancho* e, quando entendem os srs. directores, postos no andar da rua.

Além disso, contamos com a perversidade dalguns fiscaes que, a mór parte das vezes só para mostrar que é chefe de alguma coisa, nos maltrata com palavras á vista dos passageiros, como se fossemos crianços; quando não nos sacrifica economicamente a seu bel-prazer.

Isto soffremos, e mais ainda, sem poder formular siquer uma queixa porque os patrões ao menor vislumbre de descontamento nos dizem que não falta quem queira trabalhar.

Tudo isso porque?

Porque até hoje ainda ninguem dentre nós se lembrou de que nos poderiamos unir em associação e, solidarios, fazer com que fossemos respeitados como homens e mais menos explorados como trabalhadores.

Seria cousa impossivel os conductores de bonds desta capital se associarem em syndicato formando assim uma força para lutar pelos seus interesses?

Meditem os meus collegas de infortunio sobre esta idéa.

Voltarei ao assumpto.

João Tramway

Se considera que os soberanos de diversos paizes têm o direito de pôrem-se de acôrdo entre elles; a concluir convenios; não se os acuza de traições ás suas respectivas nações, pelo fáto de manterem relações com seus parentes. Se admite que os diretores de fabrica e os ricos burguezes podem fazer uzo, sem incorrer na menor falta, do mesmo privilegio. E se nega esse privilegio aos proletarios que, mais que quaesquer outros, têm necessidade de agrupar seus interesses. Não é isto, pergunto, uma detestavel iniquidade? — *Anatole France.*

Movimento Operario

Os trabalhadores desta capital parece que neste momento tentam sair da inercia em que até hoje têm vivido.

Já era tempo de se manifestarem pelas justas reinvindicações que fazem éco em todos os centros industriaes e que têm por fim, reduzindo de um pouco os *lucros* dos detentoros do capital, conquistar para os que trabalham um relativo bem-estar.

Aqui, como em toda a parte, o mesmo principio egoistico que caracteriza nesta sociedade a luta pela vida, produz os seus perniciosos resultados. Os trabalhadores são igualmente disfructados e aviltados da mesma fórma que nos grandes centros industriaes.

Não se repita a tôla *blague* dos nossos burguezes de que o meio em que vivemos não comporta ainda estas lutas que agitam os trabalhadores d'outros centros mais desenvolvidos industrialmente, onde em cada canto das cidades a mizeria geme a funebre elegia dos famelicos.

Nestes grandes centros o acumulo de população faz com que a mizeria saia á rua obrigando os tranzeuntes a prestarem-lhe um pouco d'atenção, quando mais não seja para evitar o contacto repugnante, ao mesmo tempo que pelo seu confronto com a riqueza burgueza vislumbra-se com mais netidez as causas e efeitos d'um tal estado de cousas.

Em nosso meio a mizeria é a mesma, e quem se désse ao trabalho de percorrer os tugurios esconsos onde habitam os deserdados encontraria as mesmas figuras tristes e macilentas que caracterizam os explorados de outras partes; viria criancinhas debeis, que não têm nos labios o rubror da vida, nem acharia nesses labios descorados o encantador sorrizo das crianças. E quantas e quantas dessas criancinhas, flôres delicadas que só vivem de amor e de carinhos, fenecem por não terem os seus tristes paes os recursos precizos para desde o primeiro dia que nasce um filho tratal-o com a solicitude requerida?

E os jovens operarios que na escuridão das oficinas vão tendo dia a dia o organismo minado por enfermidades que elle sente, mas a necessidade de ganhar a vida obriga-o a trabalhar até que se vá um dia morrer num catre d'hospital?

Não é isso mizeria?

Dizer-se que a luta operaria em nosso meio não tem razão de ser porque ninguem morre de fome e ha no Estado terras incultas, é rematada tolice que, em subsequentes artigos, destruiremos por completo.

Depois, vivemos num regimen burguez, onde a luta pela vida se resume nos mesmos termos que em qualquer parte: — *cada um para si e que mais puder*, logo claro está que os resultados relativamente serão os mesmos e igualmente funestos.

Onde permanecem os mesmos principios os efeitos serão sempre os mesmos.

Tem bem razão de ser o movimento que se vae operando entre os trabalhadores desta capital.

Os marmoristas

Como está no dominio publico os operarios da marmoraria Friederichs declararam-se em parede pedindo a reducção da jornada de trabalho a 8 horas.

Logo depois da gréve reunidos em sessão fundaram o *Sindicato dos marmoristas e annexos*, afim de dar melhor orientação ás suas reclamações. Entre outras resoluções o sindicato acordou fazer publicar um manifesto aos trabalhadores em geral pedindo a sua adhesão á idéa das 8 horas.

Este manifesto, como se sabe, produziu os melhores resultados.

Os paredistas mantiveram-se firmes, sem vacillar um só momento, durante uma semana, no fim da qual receberam um *aviso* do sr. Friederichs, que se dispunha a reduzir a jornada a 9 horas de trabalho e, caso não fosse aceita a sua proposta, deveriam os operarios retirar os seus instrumentos de trabalho até ás 5 horas da tarde do dia seguinte, com a condição, porém, de não se apresentar mais que um de cada vez.

Em vista disso os paredistas nomearam uma commissão para vêr se podia entrar num accôrdo com o sr. Friederichs, porém aquelle sr. declarou peremptoriamente que não acedia á pretenção dos operarios da sua officina.

Depois de longa discussão retirou-se a commissão declarando antes ao sr. Friederichs que os marmoristas manter-se-iam em gréve emquanto não fossem atendidos nas suas justas reclamações.

No dia seguinte pela manhã uma commissão de paredistas foi retirar a ferramenta de trabalho, porém, o sr. Friederichs negou-se a entregal-a por não terem elles vindo um a um conforme avisára, e, immediatamente pelo telephone pediu ao 1º posto uma força para impedir a *invasão* dos paredistas á sua officina.

A força que se compunha de tres guardas municipaes e um inspector, compareceu immediatamente, porém, os paredistas fizeram vêr que era desnecessaria a sua presença, porquanto elles reclamavam apenas o que lhes pertencia e que não entravam na officina um a um porque podiam ser maltratados pelos capangas que lá estavam trabalhando, pois que, dias antes haviam sido provocados por um grupo delles que armados tentaram aggredir a elles grevistas.

Uma vez obtido que a força se retirasse, a commissão dos paredistas retirou calmamente tudo que lhes pertencia.

Os paredistas que conservam-se firmes no seu proposito, têm recebido apoio de diversas aggremiações de outras classes entre ás quaes foram abertas subscripções para auxilial-os subscripções estas que tiveram bom acolhimento.

Os Metalurgicos

Para sabbado ás 8 horas da noite, foi convocada pela *União dos metalurgicos* uma reunião de todos os operarios da classe, afim de entrar aquella sociedade em reorganisação.

Como comparecesse um limitadissimo numero de possoas foi resolvida a nomeação de uma commissão que irá pessoalmente a todas as officinas consultar os seus collegas sobre a conveniencia e utilidade da reorganisação projectada.

Não compreendemos a ausencia dos mecanicos que, ao ser lançado o manifesto dos marmoristas, tão bem dispostos se mostravam.

Os pedreiros

Nos ultimos dias da semana passada foi distribuido profuzamente o seguinte avulso:

« Aos officiaes de pedreiros. Operarios! o momento é de luta! Nesta hora os trabalhadores desta cidade agitam-se para a conquista das 8 horas de trabalho, porque não vos dispondes a lutar tambem por esta conquista?

Acaso não sois igualmente sacrificados?

E' triste vêr-se no momento em que os marmoristas tenazmente lutam pelas 8 horas, *os operarios duma classe correlativa*, como é a dos pedreiros, sujeitarem-se, sem um gesto de energia, a trabalharem 10 horas por dia e, ainda mais, (como está acontecendo nas obras da Livraria Americana), obrigarem-se ao trabalho á noute, á luz electrica.

Os gananciosos empreiteiros estão no seu papel, explorando-vos assim; vós, pedreiros, é que não estais no vosso, consentindo esta triste exploração.

Operarios pedreiros, reagi! Reclamae a jornada de 8 horas!

Assim procedendo conquistareis umas horas de liberdade, ao mesmo tempo que ajudareis vossos companheiros de outras classes a igual conquista.

Pedreiros! Uni-vos e reclamae: 8 horas! »

— Para domingo ultimo foi convocada uma reunião da classe a qual teve regular concurrencia.

Explicados es motivos da reunião foi resolvido fundar-se a *União dos Pedreiros* para promover a solidariedade entre a classe e bem assim metodizar os meios de luta pelas reivindicações dos seus direitos.

Os que lá compareceram e procuraram se associar demonstraram bôas disposições para entrar no movimento que se vae fazendo entre o operariado desta capital.

Ficou constituida uma directoria cujos nomes damos em outro logar.

Os chapeleiros

A's 2 horas da tarde de domingo reuniram-se os chapeleiros para tratarem da fundação de uma associação de classe para que assim podessem defender os seus interesses e apoiar as suas reclamações.

Depois de falarem alguns operarios do officio, foi fundada a *União dos Chapelleiros* que terá por fim lutar pelos interesses da classe.

Foi nomeada uma commissão de tres membros para procurar obter a adhezão dos demais operarios chapeleiros que não compareceram á sessão.

Parece que os chapeleiros conseguirão os fins que desejamos visto a animação que notamos nesta reunião.

Foi eleita uma directoria conforme vê-se da nossa sessão *As associações*.

— Finda a reunião, alguns companheiros uzando da palavra concitaram os operarios de todos os officios a agremiarem-se em associações de classes afim de, conseguida que seja a constituição de uma Federação de trabalhadores, terem a força precisa para lutar contra o capitalismo absorvente.

Referiram-se á attitude energica dos marmoristas, digna de imitação, sustentando sem desanimo a gréve declarada para conseguir algumas horas de descanço.

Os operarios de todas as classes deviam não só prestarem-lhe apoio como tambem procurar alcançar os mesmos fins E isto só se conseguirá havendo união e solidariedade entre os trabalhadores.

Appellaram para todas as consciencias e para todos os corações afim de que se unam para essa luta na qual não só está empenhada a nossa individualidade mas tambem as das nossas familias.

Os alfaiates

Apezar da convocação feita em diversos jornaes por um grupo de alfaiates, compareceu numero resumidissimo e, até mesmo alguns dos que estavam de accordo que se fizesse a convocação, lá não compareceram.

Triste nota deram os alfaiates. Emquanto os operarios de differentes classes, organizam sociedades e se apressam em trazer o seu apoio aos que defendem uma causa justa, os alfaiates não se dignaram tomar a attitude que deviam.

Da antiga agremiação compareceram apenas quatro socios, d'entre os quaes, tres convencionaram que procurariam os demais socios, afim de, pessoalmente convidal-os e fazer-lhes ver a urgencia e necessidade que ha em realizar uma sessão.

Esperamos e fazemos votos para que os companheiros alfaiates se organizem quanto antes e tragam a sua solidariedade aos demais companheiros que luctam pela causa commum.

Se os individuos não são bastante inteligentes para saberem dirigir-se a si mesmos, por que milagre o vêm elles a ser para dirigirem os seus similhantes, obra ainda muito mais dificil? E se esses individuos mais inteligentes existem, por que milagre tambem saberão escolhel-os os que não sabem dirigir-se a si proprio? — *Jean Grave.*

÷

A vida é mais completa e mais interessante quando o homem luta contra o que o impede de viver. Na luta as horas enfadonhas e angustiosas passam rapidas, desapercebidas. — *Maximo Gorki.*

Fátos e Comentarios

Numa das ultimas sessões duma associação operaria, onde ha grande numero de alemães, foi ventilada a questão de saber: si a lingua oficial do sociedade seria unicamente a portugueza ou se seriam adoptadas as duas alemã e portugueza.

Esta questão provocou celeuma em vista de estarem divididas as opiniões a respeito.

A nosso vêr não ha muita discussão sobre o caso. A lingua a adoptar-se numa associação operaria, organizada não importa onde, deve ser a do paiz em que agem os trabalhadores que procuram se associar.

A duplicidade de linguagem, além de muitas vezes ser a cauza de dissenções entre os agremiados, ocasiona uma enorme perda de tempo e energia, com o ter de se redigir todos os trabalhos sociaes em duas linguas.

Depois sabe-se que geralmente o operario chegado a um paiz extranho muito logo, por necessidade, aprende a lingua falada ahi. Não saberá, talvez, se espressar muito bem, mas compreenderá o que se lhe diz e muito principalmente em se tratando dos interesses do seu oficio.

Quando, por exemplo, um operario não saiba se exprimir bem no idioma do paiz (si bem que não precisamos nas nossas associações falar como parlamentares), quizer dar uma opinião ou idéa, não terá dificuldade de encontrar um companheiro que conheça as duas linguas e que poderá transmitir aos demais companheiros as suas idéas e opiniões.

Não vemos motivo para se travar discussões a respeito desta questão. A lingua que deve ser adoptada em todas as associações de trabalhadores que se organizarem em nosso meio é a portugueza.

*

Por ocazião de serem apresentadas as listas de subscripções para os marmoristas em gréve, a alguns operarios (felizmente raros), negaram-se elles respondendo: «Eu não sou marmorista!» ou então: «Que tenho eu com os marmoristas?»

Respostas taes demonstram uma supina ignorancia do que vem a sêr solidariedade operaria e uma despreocupação absoluta pelos interesses coletivos. Os operarios que assim pensam, nunca, por certo, se detiveram um momento a examinar a sua situação e... (coitados!) parecem viver no melhor dos mundos!

D'eles será o reino do céo...

*

Anunciam jornaes desta capital cogitar-se da convocação para domingo proximo dum *meeting* operario no qual far-se-ão ouvir alguns oradores que tratarão da questão operaria.

Oxalá os resultados desse movimento tomem a direcção que convem á luta que deverão empenhar os trabalhadores pelas suas reinvindicações.

SINDICALISMO OPERARIO

Para melhor elucidar os trabalhadores que neste momento procuram se organisar para a luta, transcrevemos em seguida da *Terra Livre*, alguns apontamentos sobre o modo de organização os syndicatos de classes.

No proximo numero começaremos a publicação das—*Bazes do Sindicalismo*, de Emilio Puzet.

-:-

A organização

Defensores de elevados idealismos combatem a «organização». E' muitas vezes pura questão de palavras, pois que na pratica todos quantos vivemos somos organizadores... A associação identifica-se com a organização; a união pura e simples já a supõe. Unidades que trabalham em sentidos diversos, que não se coordenam, que não se combinam, que não se organizam,—que não se adaptam a um fim commum,—não se sommam sequer, e muito menos se associam. E quanto mais perfeita e util é a união, mais bem organizada está.

Outras vezes repudia-se o organização *permanente*: a associação (ou organização, que é o mesmo) deve cessar com o *fim* para que se constituiu.

Decerto! As organizações artificiaes são uteis ou nocivas; o orgam morto, vazio de funcção, embaraça.

Mas o tempo não póde ser elemento de discussão; a organização durará um segundo ou um seculo, conforme as necessidades. Ella será permanente, se permanente for o fim; de-se-lhe um escopo duradouro, e ella será duraradoura e eficaz.

Ora a acção operaria é na realidade permanente. A greve não passa dum episodio. Ainda que ella fosse um fim (e deve ser apenas um meio e um exercicio), a acção das organizições operarias seria constituida de um modo permanente pela preparação para a lucta, pela acumulação de meios de defesa moraes e materiaes, pela educação associativa, pela instrucção, etc.

O segredo da vitalidade da associação está precisamente em agir constantemente, em manter vivo o espirito de iniciativa, a actividade dos associados, em acender a sua curiosidade por todas as questões, grandes ou pequenas, teoricas ou praticas. A acção e o estudo são inseparaveis.

A critica incide ainda, as mais das vezes sobre o conteudo da organização, sobre as idéas dos associados. Aqui já não é confusão de palavra, mas de idéas; confunde-se a organização com o seu conteudo.

A organização será evoluida ou retardaria, consciente ou inconsciente, livre ou autoritaria, emancipada ou escrava, malleavel ou formalista, activa ou morosa, leve ou leve ou pesada, segundo os individuos que a compõem, as suas idéas e a sua energia, as suas tendencias e os seus habitos.

A organização não é decerto uma entidade independente dos que a fazem.

Aos activos, aos concientes, aos amancipados compete communicar aos co-associados a sua energia, as suas concepções, o seu procedimento, pela palavra, pelo exemplo, como se faz entre o povo.

Quanto á organização, as suas vantagens na diminuição do esforço e na multiplicação dos resultados, na *defesa da liberdade* a valer, na emancipação das consciencias, são o facto mais abundantemente provado que conhecemos em materia social.

Sociedades de resistencia

As *sociedades de resistencia* são as associações operarias destinadas á defesa dos interesses dos trabalhadores contra a exploração capitalista. Recebem diversos nomes segundo os paizes: *sindicatos*, *ligas de resistencia*, *uniões de oficio*, *associações de classe*, *trade-unions*, etc. *Corporativismo* (ou unionismo, ou sindicalismo) é o conjuncto de ideias e de sistemas sobre a organisação operaria, a sua acção e os seus metodos.

Essas designações empregam-se por vezes em sentidos um tanto distintos, em virtude da diferença de metodos e de tendencias das diversas organisações.

Especialmente nos Estados Unidos e na Inglaterra, a sociedade operaria é um grupo fechado, de dificil entrada. A organização operaria é uma especie de aristocracia do trabalho, As corporações de oficio agem isoladamente e a sua acção reduz-se a melhoramentos em favor dos associados, sem mesmo tender á abolição do privilegio capitalista, sendo estrictamente legal, apesar de ser a lei feita e aplicada pelos burgueses e em seu proprio favor. A "trade-union„ (expressão inglesa: união de oficio) faz politica parlamentar, apoiando o candidato que mais *promessas* lhe fizer, seja qual fôr o seu partido! Este "trade-unionismo„ vai morrendo por culpa dos seus erros e defeitos. Nos Estados Unidos já ha mesmo uma forte organização (Federação dos trabalhadores do mundo) agindo sobre o terreno da luta de classe e repudiando o parlamentarismo.

A sociedade operaria alemã não é, a bem dizer, de resistencia. A resistencia é ali disfarçada, encoberta, sufocada pelo mutualismo e pela legalidade. As derrotas têm sido majestosas e as conquistas nullas. As organizações alemans agrupam muita gente, reunem enormes sommas, mas... são inertes, têm medo de empregar a sua força, como aquelle que comprou um guarda-chuva e o meteu dabaixo do capote com pena de o molhar. Quando se mexem, são pesadas e timidas, cruzam os braços e lutam a dinheiro... A sua politica é a politica parlamentar socialista.

E' um modelo que vai perdendo o credito; até na Alemanha começou a reacção.

A sociedade de resistencia mais perfeita e a mais completa, embora não sem defeitos, é o "sindicato„ francês, aderente á Confederação geral do Trabalho. E' puramente de resistencia, facilitando a entrada a todos, procurando agrupar o maior numero, mas sem por isso deixar de agir constantemente. Trata de conquistar melhoramentos (sobretudo redução de horas), fazendo assim exercicio para a greve geral revolucionaria e para a expropriação dos meios de produção e de transporte. *Não aceita a politica parlamentar*, fazendo, porém, luta politica (contra o Estado, contra o governo, desde o ministro ao policia, mas especialmente contra o militarismo), pois o poder politico é defensor do capitalismo. Mas essa luta (assim como a economica) é pela "acção directa", operaria, e não indirecta por meio dos deputados no parlamento.

Este metodo—que por influencia da França vai sendo chamado "sindicalismo", —é seguido já pela Suissa francesa, pela Holanda e em parte pela Espanha ("Federacion Regional Española") e republicas sul-americanas, ganha terreno na Italia e nos Estados Unidos e começa a penetrar na Inglaterra e na propria Alemanha.

O modo de agrupamento

Segundo o meio, o sindicato constitue-se por profissão ou por industria determinada. Habitualmente, agrupa os trabalhadores do mesmo oficio e seus similares. Nas grandes empresas ou companhias, numa exploração vasta como os caminhos de ferro, o sindicato deve reunir os trabalhadores de todas as categorias; aqui o modo de agrupamento é indicado pela fórma do patronato. Na verdade, é evidente que os explorados duma grande empresa teriam pouca força de resistencia e de reivindicação se estivessem divididos por sindicatos diversos.

A questão do agrupamento por oficio ou por industria apaixona os militantes em muitos paises. O primeiro destes dois modos de organização póde ser acusado de perpetuar o espirito de corporação, mas, sejam quaes forem as preferencias de cada um, o que se deve evitar é que o sindicato se incline a ser um agrupamento *d'opinião*.

São deste genero os sindicatos onde domina a "politica„ e os chamados "de irregulares do trabalho", onde convergem operarios de oficios varios. Estes agrupamentos, apesar da etiqueta sindical, não são senão grupos sociaes onde a *afinidade* predomina sobre o *interesse*. Por muito tempo foi a "politica„ o escolho dos sindicatos; aos militantes cumpre velar para que não se reproduzam os erros do passado.

Quanto aos sindicatos de irregulares, agrupam companheiros segundo a sua *opinião* e abrem a porta a todos os perigos do passado; se todos os trabalhadores fizessem o mesmo, não haveria mais sindicatos: só haveria grupos sociaes. Por outro lado, escapa-lhes demasiadamente a acção quotidiana e, o que mais é, só muito abstractamente podem estudar a obra de emancipação, e não no ponto de vista corporativo.

Nota.—O sindicato de oficios varios é admissivel no intuito de associar trabalhadores (sem sociedade especial) para uma obra de organização: propaganda associativa, fundação de novos sindicatos á medida que haja numero suficiente de operarios do mesmo oficio dentro da união de profissões diversas. Assim fez a Federação Operaria de S. Paulo ao fundar a União Operaria.

Fundação do sindicato

Muitas vezes os trabalhadores se acham embaraçados tratando de fundar uma sociedade de resistencia. E no entanto nada mais simples.

O grupo, que tomou a iniciativa da constituição do sindicato, reune-se e encarrega um individuo ou uma commissão de elaborar um projecto de estatutos, de pacto associativo, que será depois descutido em assembléa geral, após convite dirigidos a todos os operarios que se procura agremiar.

Esse pacto social deve ser o mais resumido possivel, despidos de vãos formalismos e de estorvos á acção sindical. Em todos os seus actos o sindicato deve abolir as formalidades inuteis, simplificando tudo. Quem quer agir depressa e muito, constantemente, veste pouca roupa e foge ás... camisas de força; quem emprehende uma viagem longa para caminhar ligeiro leva bagagem leve. Em França uma activa organização de camponezes, gente pratica e pouco formalista, tem uns estatutos com nove artigos.

Em geral, o pacto social deve estatuir apenas estes pontos:

1.º—Os fins do sindicato, que a nosso ver deve ser: *a*) immediatos o melhoramento das condicções presentes, a propaganda associativa, a educação; *b*) a emancipação integral do trabalhador.

2.º—A não participação do sindicato na luta dum partido politico.

3.º—A não admissão da patrões e pelo menos a exclusão de administração dos que têm compromissos com os patrões, sendo seus empregados de confiança, como os contra-mestres; exclusão rigorosa, igualmente, de politicos profissionaes. Só poderão fazer parte do sindicato os salariados emquanto exercerem o seu officio, salvo o caso de desocupação forçada.

4.º—Porta fechada aos funccionarios pagos. Quando o socio perde horas de trabalho em serviço dó sindicato, deve receber como indemnização unicamente o que ganharia em média exercendo o seu of-

ficio; mas isto apenas *quando* e *emquanto* o serviço do sindicato é incompativel com o exercicio da profissão. Este ponto é importante e a elle voltaremos em artigo especial.

5.º—Uma administração reduzida á sua mais simples expressão: um secretario (ou mais, se o exigir o serviço) e um thesoureiro; quando muito alguns conselheiros e revisores de contas. Estas funcções são puramente administrativas, e não directivas; trata-se de um serviço, de um trabalho a executar segundo um encargo dado e aceito e escrupulosamente cumprido. Estes funccionarios não mandam mas trabalham; não impõem idéas ou vontados proprias, mas executam resoluções tomadas.

Devem ser substituidos com frequencia, não só porque estas funcções são um encargo e não uma honra ou um previlegio, mas tambem porque contribuem para a educação dos operarios.

A estes pontos podem juntar-se outros que variam segundo as circunstancias: instituição de bibliotheca, de escolas profissionaes, da obras de propaganda, etc.

A caixa do sindicato

O sindicato tem certas despesas e para isso precisa de dinheiro. Mas as quotas devem ser bastante baixas (e mesmo perdoadas em certas circunstancias), porque o sindicato procura recolher no seu seio sobretudo as boas vontades. As quotas elevadas tornam o sindicato uma corporação fechada e privilegiada, em luta com a parte mais miseravel da classe.

Demais, é preciso não depositar confiança no cofre da associação; isso seria o abandono da energia e da actividade. Os sindicatos que têm grossos fundos fazem-se timoratos, inactivos e conservadores... com medo de gastar o cobre; e assim os socios depositam o seu dinheiro, e as vantagens, moraes e materiaes, não vêm.

Contra os patrões, senhores de grandes reservas, de fortes meios de propaganda e de coacção, a luta assenta muito mais sobre a energia, a rapidez no ataque e a solidariedade dos companheiros e da população na luta, do que nos miseros vintens acumulados.

Ha casos de derrota operaria, apesar dos fortes subsidios de greve; por vezes os operarios subsidiados abandonam a luta (?) num momento não desesperado!

O interesse dos patrões está mesmo em que os sindicatos entesourem; isso dá-lhes uma garantia de paz e uma possibilidade de obter legalmente, firmados em qualquer texto de lei apresentado por um advogado *habil* e tido em conta por um juiz amigo, uma indenização por perdas e danos, sob pretexto de estorvos á pretendida „liberdade do trabalho“, ruptura de contrato, excitação á greve, etc. Ha disso numerosos exemplos em varios paises. Uma das condições que uma associação patronal franceza exigia para reconhecer um sindicato operario e negociar com elle era „que oferecesse responsabilidades e garantias *efectivas*.„

Falamos aqui da *caixa de resistencia*, a unica que julgamos indispensavel no sindicato. E esse dinheiro deve ser gasto, sem muita demora, na propanda, nos locaes, na agitação. Por vezes é preciso considerar certos casos especiaes de solidariedade, para com um companheiro victima da luta, por exemplo, e sustentar mesmo os primeiros momentos de greve; mas neste ultimo caso mais vale recorrer á solidariedade pecuniaria dos trabalhadores todos, e principalmente á decisão e prontidão dos grevistas...

O mutualismo no sindicato

Os inconvenientes do mutualismo, dos socorros mutuos (subsidios de doença, de desocupação, pensões, etc.), dentro do sindicato, são os mesmos que os das fortes *caixa de resistencia*, mas ainda mais graves.

Noutro artigo confrontaremos o valor da *resistencia* operaria, dos organismos de luta contra o patronato, com o valor das instituições baseadas sobre o entesouramento, a «economia» (?) do pobre, fruto do regime burguês, nas quaes, sobre pretexto de «previdencia» quanto ao futuro, se arruina e se avilta o presente. Mas, seja qual for o valor do mutualismo, seja qual for a utilidade que haja para o individuo em recorrer a elle nas actuaes condições da sociedade, o importante é que não o pratique o sindicato operario, que deve ser unicamente uma sociedade de resistencia.

O mutualismo (e com elle o cooperativismo) não serve senão para mascarar a acção economica dos sindicatos e para atrahir, como uma isca traiçoeira, uma multidão de apaticos e inconscientes, que só pensam no subsídio, que só se associam, com a mira no socorro, e que depois de associados, só aparecem na séde social quando se trata de reclamar o cobre providencial.

Essa gente não constitue uma força, a não ser negativa; é um em-um baraço, peso morto, uma bala aos pés da associação. E aquelles que ali a chamaram, com o engano, são mais tarde victimas da sua propria armadilha, e muitas vezes, não o percebendo, lamentam se do fracasso da sua propria tentativa, da apatia geral, desgostam-se, abandonam a luta.

A união faz a força mas é... a união de forças: forças que devem ser concordantes, e portanto conscientes. E são conscientes do verdadeiro fim do sindicato — a resistencia — os que a elle acorrem com o fito no subsidiozinho? Chegado o momento em que se requer a energia de todos, esses hesitam, titubeiam param, ou exigem, para avançar sem entusiasmo, que... lhes paguem osdias de trabalho que perdem! Não, com esses não se póde contar.

Certamente, é necessário oferecer á união um terreno solido de acôrdo, que todos possam aceitar voluntariamente, scientemente: mas acôrdo na luta, não prassividade, acôrdo de energias, não de fraquezas. Só importam os activos, os energicos, os conscientes, os de boa vontade, os que comprehenderam ou pelo menos entreviram a necessidade de sair desta situação. Os outros não são unidades; são embaraços.

Quando o sindicato se põi a fazer mutualismo e a arregimentar por esse meio rebanhos de resignados e de cobardes, sem nenhum intuito de resistencia, sem nenhum ideia de protesto, está perdido para toda a actividade fecunda. Só é arrastado á luta pela força das circunstancias, mas a contra-gosto, de surpresa, sem entusiasmo, sem o ánimo disposto a vencer. O medo de «desorganizar» o grosso *exército* reunido em volta da gloriosa bandeiro do subsidio paralisa mesmo os mais conscientes. Imaginem! elles têm medo de limpar o sindicato das excrescencias e estorvos!

Não ha como a franqueza: «Aqui estamos reunidos meia duzia apenas para lutar. Quem se sentir disposto a acompanhar-nes, venha: a entrada é franca!»

Estamos bem convencidos de que todos os que do movimento operario e sindicalista têm alguma prática nos darão razão.

A guerra civilisada! O contraste destas duas palavras juntas causa horror.

Ao menos, o selvagem tem odio ao inimigo: quando o apanha, esphacela-o, e é assim que se vinga. Quanto mais isso não vale do que assassinar gente que se respeita e que se ama talvez? — *D. João da Camara.*

—:—

A soberania do povo é um embuste de que se valem continuamente, para o iludir, os arlequins e especuladores politicos. — *Gastão de Toulois.*

—:—

O direito de dar leis aos outros paga-se como uma mercadoria.—*Jules Claretie.*

AS ASSOCIAÇÕES

Sindicato dos Marmoristas

Séde; rua Voluntarios da Patria n. 213. Secretario, Stefan Miehalski: thesoureiro, Henrique Faccini.

—

União Operaria Internacional

Séde: rua Ramiro Barcellos n. 128. Secretario, Rey Gil; thesoureiro, Rodolpho Flugrath; bibliothecario, José Macchi; fiscal de mez, Felisberto A. Oliveira.

—

União dos Empregados em Madeira

Séde: rua Ramiro Barcellos n. 128. Presidente, Carlos Macchi; secretario, Guilherme Jung; bibliothecario, Oswaldo Simon.

—

Gremio de Artes Graphicas

Séde: rua dos Andradas n. 539. Presidente, Felix R. Alves; secretario, P. Santos; thesoureiro, J. H. Otto Neu; director do mez, Henrique F. Kuplich.

—

G. R. I. 1º de Maio

Séde: avenida Missões. Presidente, Quintilhano Raupp; secretario, João dos Reis; thesoureiro, Valdemar Barboza.

—

Towarzysiwo Naprzód

Séde: Avenida Minas Geraes. Presidente, José Masarek; secretario, Antonio Budzin; thesoureiro, Antonio Ciesiolski.

—

Escola Elizeu Reclus

Sède: rua dos Andradas n. 64. Lições: terças e sextas-feiras, das 7 ás 10 horas da noute, diversas materias, e ás quintas, gymnastica suéca, das 7 ás 9 horas da noute.

União dos Empregados em Padaria

Séde: rua da Conceição n. 22. Presidente, José Martins dos Santos; secretario, Agostinho Custodio Fernandez; thesoureiro, Carlos Christmann; fiscaes, Antonio Digiorgio e Oscar.

Sessão de directoria a 23 do corrente.

—

União dos Pedreiros

Séde: rua Ramiro Barcellos n. 128. Presidente, José Macchi; secretario, Antonio L. Maia; thesoureiro, Felisberto Oliveira.

—

União dos Chapeleiros

Séde: rua Ramiro Barcellos n. 128. Presidente, José Rognoni; secretario, Luiz Werkhauser; thesoureiro, Alberto Schreiner.

—

União dos Metalurgicos e annexos

Séde: rua Voluntarios da Patria n. 367. Presidente, Gustavo Reinike; secretario, José Mayer; thesoureiro, José Zeller Rethader.

—

Allgemein Arbeiter Verein

Séde: rua Voluntarios da Patria n. 367. Presidente, José Zeller Rethaler; secretario, Johan Dontsik; thesoureiro, Rodolpho Flugrat.

—

União dos Tecelões

Em reorganisação.

—

União dos Alfaiates

Em reorganisação.

A IMPRENSA

A TERRA LIVRE

Periodico sindicalista. Assignaturas: serie de 25 numeros 4$000; 12 ns. 2$000; 6 ns. 1$000.

Rua Maria Domitilla n. 88 — S. Paulo.

—

NOVO RUMO

Periodico libertario, sae quando póde. Subscripção voluntaria. Rua do Hospicio n. 210 — 1º — Capital Federal.

—

LA BATTAGLIA

Semanario em lingua italiana. Assignatura: anno 10$000; semestre 5$000; trimestre 3$000. Caixa postal 547 — São Paulo.

—

Estes periodicos pódem ser assignados por nosso intermedio, bem como *Les Temps Nouveau*, *La Voix du Peuple* e *Libertaire*, de Paris.

Damos informações sobre outros periodicos e revistas do exterior, assim como de todas as associações operarias conhecidas de Uruguay e Buenos Aires.

No proximo numero publicaremos a subscripção voluntaria.